



AS ANGÚSTIAS LÁ FORA: RELATOS DE UNIVERSITÁRIOS SOBRE O ARMÁRIO GAY.

Autora: Bruna Araújo Silva (*Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA/ brunasilva277@hotmail.com*);
Orientadora: Fernanda Maria Vieira Ribeiro (*Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA/ fernandamvribeiro@gmail.com*).

RESUMO: O presente artigo tem como propósito analisar a sociabilidade construída nos corredores da Universidade Estadual Vale do Acaraú, localizada na região norte do Estado do Ceará. Analisa o que representa a liberdade para os estudantes homossexuais vindos das pequenas cidades da região, que se distanciam da personalidade presente em suas cidades natais. O artigo se propõe também a problematizar a discussão sobre sexualidade no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Armário, sociabilidade, cidades pequenas.

INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa é fixar análise mais próxima às vivências de estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UEVA, localizada no interior do Ceará, que encontram no âmbito acadêmico a priori, um espaço de discussão sobre sexualidade. Seria a universidade uma ferramenta para além do crescimento profissional?

A ideia é olhar para além da *sala de aula* destes estudantes, direcionar-me para o que chamo “bastidores” deste processo vivenciado pelos jovens que buscam qualificação profissional. O que acontece no caminho até a sala de aula? O que acontece nos corredores, nos bancos dos diferentes campi da Universidade? Estes estudantes se sentem mais a vontade para assumir-se homossexual em tal

âmbito? São tais questionamentos que pretendo me deter. O foco será direcionado aos estudantes homossexuais e seu cotidiano no espaço acadêmico.

Através da socialização dos estudantes homossexuais, vindos de diferentes cidades localizadas na região norte do Estado do Ceará. Percebermos como se dá o cotidiano dos jovens que constroem laços em meio ao ambiente universitário e como a sexualidade entra em discussão em tal âmbito. Não apenas focando no diálogo sobre sexualidade, mas, e, sobretudo, percebendo como o ambiente acadêmico proporciona encontros, e como se dá tais vivências no espaço acadêmico, e também como se reflete fora dos muros da Universidade.

Por meio de observações e



entrevistas com estudantes da UVA, e após perceber a influência do cotidiano acadêmico na mudança de comportamento de jovens próximos a mim, surge meu interesse pela temática. Sexualidade antes nunca pronunciada nas discussões no ensino médio tornava-se cada vez mais discutida e questionada nas rodas de conversa e corredores da universidade. Mas até que ponto a sociabilidade construída pelos estudantes no espaço acadêmico de fato, exerce influência em assumir-se? Existe tal influência? Destaco o termo sociabilidade utilizado por Símmel (1983), para compreender que é através de várias formas de associação, que os indivíduos se encontram, se reconhecem e partir de tais encontros formam grupos, desenvolvem/satisfazem seus interesses. Tal interação desenvolve formas de ser no espaço, de si e para o outro.

METODOLOGIA

Tendo em vista questões apontadas anteriormente, busco como destaca Oliveira (2006) sensibilizar meu olhar para uma melhor compreensão de tais relações entre jovens acadêmicos, que buscam a cidade de Sobral por falta de oportunidades em relação à educação em nível superior. Esta sensibilidade está relacionada à teoria que desempenha o papel de “treinar” o

olhar, porém, buscando dar voz a estas vivências.

O campo como já mencionado no parágrafo anterior, é de suma importância para uma boa pesquisa. Para mim não há outra maneira de entender o que estes jovens pensam, sentem e fazem em tal espaço fora da sala de aula. É interessante mencionar como afirma Goldman (2006), não se “colhe” frutos da pesquisa, estando apenas no que consideramos nosso campo, ou seja, em meio, aos estudantes homossexuais, vindos de diversas cidades situadas nos arredores de Sobral. Mas, a qualquer hora ou com interlocutores que a priori não nos despertara sensibilidade para entrevista, e em lugares inusitados, devemos estar atentos a nossa temática de pesquisa através da observação flutuante.

Passado o primeiro contato, a entrevista será sem dúvidas, a principal maneira de estar frente às angústias, experiências e vivências dos jovens estudantes. Como frisa Portelli (2010) o ato de fazer entrevista enfatiza, sobretudo, que o entrevistado detém o conhecimento, que nós não possuímos, fazendo com que a entrevista seja um encontro de diferentes vivências. Como sugere o autor, não se trata apenas acertar nas perguntas, mas, aceitar que o ritmo da entrevista deve ser



respeitado por quem a conduz, ou seja, a entrevista consiste principalmente em saber ouvir o entrevistado, mesmo que este não esteja necessariamente falando o que a priori se deseja ouvir.

Destaco a importância do companheiro denominado diário de campo, acredito que este, desempenha papel fundamental no processo de escrita da pesquisa, contribuindo para o enriquecimento de detalhes sentidos em meio ao “campo”. Não apenas neste sentido, mas como um desabafo sobre as dificuldades do campo, e angústias do pesquisador. O diário de campo exerce um papel no sentido mais terapêutico, pois visualizo ser um exercício difícil, se privar do verbo sentir, e como bem destaca Goldman (2006), deixar ser afetado pelo campo de pesquisa torna-se ferramenta básica no desenvolvimento do trabalho etnográfico. Desta forma, não se faz necessário “vestir-se” de pesquisadora e carregar em si, o peso do que se considera como real e verdadeiro. Apenas o “campo” pode como já mencionado anteriormente, dá respostas e nos aproximar do que de fato, se busca.

DESENVOLVIMENTO

É necessário observar primeiramente que estes jovens residem em cidades pequenas, situadas na

região norte do Estado próximas a Sobral¹, uma parte dos estudantes para poder adentrar ao âmbito acadêmico muda-se para a cidade, instalando-se em repúblicas juntamente com outros estudantes. É importante destacar que as pequenas cidades como bem destaca SILVA (2000) são marcadas pela personalidade que se faz presente em suas relações sociais, e acabam gerando um controle (mesmo que inconsciente) em seus membros. Desta forma, é percebido que o controle sobre os comportamentos de jovens vindos de tais cidades, não está apenas relacionando à família, mas também, ao espaço público. O “público” neste caso desempenha papel de fiscalização haja vista que, o espaço denominado “vizinhança” atua também como “órgão” fiscalizador da conduta de seus membros.

Assim, como frisa SILVA (2000) nasce uma busca para adequar-se a expectativas que culturalmente foram determinadas por grupos anteriores e que acabam sendo impostas sutilmente nas cidades pequenas. A quebra de tais regras poderia causar “falatório” em tal espaço, tornando-se algo negativo tendo em vista que a personalidade é a palavra-chave que simboliza tais relações. O fato de que

¹ Situada a 235 km de Fortaleza-CE, a população é estimada em 155.276 habitantes tem como temperatura média trinta graus centígrados. Dados disponíveis em:



“todo mundo se conhece” reflete e denuncia o controle social que há nesses espaços. Estas vivências na cidade natal “mudam-se” juntamente com os jovens, e como é frequentemente mencionado nos corredores do campus de humanas da universidade, nasce à necessidade de desconstruir determinados comportamentos, julgados por estes como naturalizados. Esta personalidade que os jovens trazem consigo é o primeiro fator importante para entender porque as novas relações e encontros com jovens de diferentes cidades no meio acadêmico, semeia novas ou a primeira oportunidade de diálogo sobre sexualidade.

Se as identidades de gênero são construídas, é importante ressaltar que estas se constroem a partir da imagem, como destaca Butler (2010). O que conseqüentemente segundo a autora desperta que tal construção, seria também conseqüência da linguagem. Ao contrário do que muitas vezes sobre o gênero é propagado, a linguagem não atua como molde das identidades de gênero, mas, tendo em vista que tais sujeitos estão inseridos numa cultura, as identidades são, sobretudo, conseqüência de um discurso. (SALIH, 2015). A performatividade permeia justamente tal discurso e posteriormente sua conseqüência, pois, como é citada pela autora a

escolha de roupas por um determinado sujeito, é reflexo de uma sociedade, de uma economia, ou seja, pelo contexto que se esteja inserido. “Não há nenhum fazedor por trás do feito, nenhum agente volitivo que reconhecidamente “faz” seu gênero, visto que o corpo “generificado” é inseparável dos atos que o constituem” (SALIH, 2015).

Desta maneira, alerta-se, apesar dos discursos sobre identidades de gênero e sexual, sejam confundidos, estes, não são sinônimos, tanto a sexualidade como o gênero compõem identidades que são socialmente construídas. Foucault (1988) frisarà como o discurso sobre sexualidade humana, é composto por razões do *ser* através do regime poder-saber-prazer. Em tal discurso, primeiramente não se faz necessário negar ou policiar o discurso, evitando ou questionando seus possíveis efeitos, mas, atentar-se a quem fala sobre sexo, em quais circunstâncias, instituições, ou seja, quem incita o “fato discursivo”.

Conduzindo para meu campo, o que de fato seria esse “assumir-se” homossexual? Desde a educação básica, em meio às rodas de conversa no intervalo, em casa ou até mesmo quando já estava inserida no âmbito acadêmico, nunca me deparei com situações angustiantes em



relação a este processo envolvendo pessoas heterossexuais. Assim, o termo armário torna-se principal categoria por referir-se, sobretudo ao que está escondido, e por estar presente nas vivências de jovens homossexuais, que convivem diariamente com esta metáfora.

Quando referido a homossexualidade, o armário também desempenha tais funções e como frisa Sedgwick (2007) o armário não seria apenas uma forma de refúgio em relação à família, mas, suspeito em quase todas as relações sociais destes. Está “dentro” ou “fora” dependerá do ambiente social no qual estes estejam inseridos, e de cada indivíduo que possa não “receber” bem a notícia. O armário, não seria uma regra presente na vida de todas as pessoas homossexuais, porém, é importante destacar, que independente de estar “dentro” ou “fora”, este, se torna ainda ferramenta fundamental na construção social destes.

Hipoteticamente, a universidade vem a proporcionar uma maior abertura para discussões, como destacado anteriormente, há um reconhecimento segundo meus interlocutores, que permeia as relações construídas no ambiente universitário. Segundo Júlia², vinte anos de idade,

² Nome fictício visando preservar a identidade dos (as) entrevistados (as).

mulher lésbica estudante do curso de educação física, não teve que mudar tanto sua rotina em relação deslocamento, pois a mesma é sobralense. A família nas entrevistas realizadas até o momento, fora o primeiro ponto destacado. Mesmo que eu não perguntasse necessariamente sobre questões familiares, antes de relatarem suas vivências, era mencionada por eles (as) uma espécie de justificativa para determinadas atitudes tomadas, como destaca Raul, vinte e um anos, homossexual masculino estudante de ciências sociais, sobre alguns de seus comportamentos *“minha família é evangélica, meu pai é militar, então tinha uma pressão muito grande”*.

Deslocar-se todos os dias para Sobral nos ônibus universitários ou para residir em repúblicas estudantis (é comum que os estudantes que residem em Sobral aos fins de semana se desloquem para a cidade natal, por diversos motivos) é o primeiro caminho que o estudante da UVA enfrenta para adentrar em tal âmbito acadêmico. Compreender o que é uma cidade pequena e a personalidade que a permeia, é fundamental por ser uma das bases que sustenta a liberdade maior em outra cidade. Não a identifico como fator determinante, de modo algum, mas ressalto que analisar essa mudança ou mudança diária



(universitários viajantes³) é importante para compreendê-los no ambiente universitário. É importante observar que a liberdade sentida por estes em solo sobralense não é uma liberdade proporcionada pela a cidade em si, mas, pelas relações constituídas na mesma. *“Você não vê casais trocando carícias restaurantes que são mais conhecidos em Sobral. Que são voltados para “família””*.

Dessa forma é delicado perceber que as relações construídas pelos estudantes homossexuais com uma maior liberdade na cidade, não significa que a mesma comporte bons olhares em determinados ambientes. Ou seja, a liberdade ressaltada não está referindo-se a Sobral como uma cidade que em relação às cidades menores, como uma cidade que possua políticas, ou leis que assegurem os direitos LGBTT, mas, como uma cidade que mesmo com um histórico de intolerância, ainda assim torna-se palco de encontros e reconhecimentos entre estudantes homossexuais.

CONCLUSÃO

É sabido que hoje questões voltadas para a sexualidade estão em grande discussão, sobretudo no campo das

ciências sociais. Porém, é importante destacar que, cada local, cada contexto, cada jovem (neste caso) tem sua forma particular, angústias e desejos construídos cotidianamente, que de modo algum devem ser generalizadas. Cada novo olhar sobre estas relações contribui não apenas para nosso campo acadêmico, mas, para a produção de conhecimento sobre um tema que ainda causa determinados desconfortos também dentro da academia que muitas vezes ignora a temática em sala de aula.

É importante frisar que a pesquisa ainda em desenvolvimento, porém, como mencionando nos comentários anteriores, o campo permite perceber que a liberdade destacada pelos estudantes, permeia as relações distantes da cidade natal, mas, não torna Sobral uma cidade livre de preconceito e intolerância contra homossexuais, reforçando que poucos lugares permitem a sociabilidade LGBTT. Por outro lado, a sociabilidade construída nos corredores da universidade denuncia que os armários gays estão lado a lado com as intervenções, que o meio universitário propicia a estes jovens.

³ O transporte universitário é uma característica que diferencia os estudantes que não residem em Sobral. Estes optam por este meio como frisa Freitas (2011), sobretudo por questões financeiras juntamente com a ausência de assistência estudantil, para jovens que possuem em sua maioria baixa renda familiar.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, Telma; NEVES Frederico De Castro; MENEZES, Marilda; JUCÁ, Gisafran; NOÊMIA; Lúcia; CARVALHO, Tereza. *Entrevista com Alessandro Portelli*. Projeto História n°41, dez 2010.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I. A vontade do saber*. Rio de Janeiro: Graal 1988.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*, (Trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREITAS, Isaurora Cláudia de; MENEZES, Kímbelly, Luisa Braga. *Moradia e transporte estudantil: a experiência dos universitários da região Norte do Ceará*. Essentia, Sobral, ano 9, n° 2, dez 2007/maio2008, pp. 103-119.

GOLDMAN, Marcio. *Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica*. 2006

GOLDMAN, Marcio. *Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia*. 2005.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. (28), janeiro-junho de 2007:19-54

SILVA, Joseli Maria. *Cultura e territorialidades urbanas – uma abordagem da pequena cidade*. 2000.

SÍMMEL, Gerog. *As grandes cidades e a vida do espírito*. MANA 11(2): 577-591, 2005.

SÍMMEL, Georg. *Sociologia*. FILHO, Evaristo de Moraes (org). (Trad. Carlos Alberto Pavanelli). São Paulo: Ática, 1983.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br